

TRAVESSIAS QUE FAZEM PAISAGEM

Gabriela Kehrwald¹

Este ensaio nasceu no caminho.

As fotografias que o compõem foram feitas durante as idas e vindas do processo de estudos para o Trabalho Final de Graduação, quando caminhei, atravessei, observei e permaneci em diferentes partes da cidade de Rondonópolis–MT.

As imagens deste ensaio foram registradas com a câmera Samsung NX30, que acompanhou minhas caminhadas como uma extensão do meu próprio corpo. Fotografar, nesse processo, foi perceber. Essa metodologia visual, guiada mais pela sensibilidade do que por protocolos rígidos, permitiu construir um olhar atento às escalas do território, aos gestos cotidianos e às formas pelas quais a paisagem nos atravessa enquanto nós a atravessamos.

Com o tempo, percebi que as travessias — a pé, sobre pontes, nos corpos d’água, no Cerrado, sob e sobre viadutos, nas brincadeiras — constituíam uma narrativa própria. Mostravam como a infraestrutura corta, como o verde resiste, como a cidade expande feridas e como, apesar disso, a vida insiste em continuar.

¹ Arquiteta e Urbanista formada pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Ao longo da graduação, desenvolveu atividades de pesquisa, monitoria e projetos acadêmicos voltados ao estudo do ambiente construído e das dinâmicas urbanas. Atua nas áreas de projetos de arquitetura hospitalar, conforto ambiental, paisagem e infraestrutura verde, com ênfase em análises microclimáticas, metodologias de campo e leitura sensível do território. Possui experiência em projetos de extensão, produção técnica e participação em grupos de estudo relacionados à arquitetura e ao urbanismo. Interessa-se pelas relações entre natureza, cidade e percepção ambiental, bem como pelas formas de representar, projetar e compreender o espaço urbano contemporâneo.

Caminhar pela cidade é atravessar paisagens que guardam marcas do tempo, das escolhas que a moldaram. As vias anunciam uma cidade que se estende entre prédios



Figura 1 — Motociclista atravessando viaduto suspenso, gesto cotidiano moldado pelo concreto. Fotografias, 2025. Fonte: da Autora.

A travessia muda quando chega às águas.
Há quem ande de barco, há quem pare na ponte para ver o tempo e a água correndo, há quem reme sozinho.



Figura 2 — Travessia de barco no rio Vermelho, corpo e água desenhando outro modo de movimento. Fotografias, 2025. Fonte: da Autora.

O rio é o caminho mais antigo.
Ele reata o que o concreto separa.

Figura 3 — Pessoas observando o Rio Vermelho sobre a ponte, pausa rara em meio ao fluxo urbano. Fotografias, 2025. Fonte: da Autora.



*Aprendi a olhar o tempo com calma,
vendo o pôr do sol pintar de laranja os telhados do Casario
e fazer cintilar as águas do Rio Vermelho como nunca já se viu.*

Figura 4 — Remador solitário no Rio Vermelho, gesto silencioso que resiste ao ritmo da cidade. Fotografias, 2025. Fonte: da Autora.



No Cerrado, a travessia é sempre dupla: ferida e de re(existência).
As estradas que rasgam a terra vermelha. A ferrovia que atravessa os limites de proteção.
A rodovia que empurra ruídos para a mata.



*Cresci com o cheiro da terra úmida durante a chuva,
com o estalo das folhas caídas no chão durante a seca,
com o som dos animais*

Figura 5 — Caminho aberto no Cerrado dentro de Unidade de Conservação, entre ferida e rebrota. Fotografias, 2025. Fonte: da Autora.



Figura 6 — Passagem ferroviária elevada cruzando Unidade de Conservação e rodovia — infraestruturas sobrepostas. Fotografias, 2025. Fonte: da Autora.

Figura 7 — Ponte sobre o rio com prédios ao fundo, encontro entre paisagem natural e expansão urbana. Fotografias, 2025. Fonte: da Autora.



Figura 8 — Travessia sob ponte, onde a sombra redefine a escala da cidade. Fotografias, 2025. Fonte: da Autora.



Aqui, no Bosque, a travessia diminui de escala.
Vira passo, vira infância, vira chão.
No brinquedo de madeira quebrado, vejo um rastro de vidas que passaram; no caminho entre as árvores, uma pausa que a cidade não sabe produzir.



Figura 9 — Brinquedo de madeira no Bosque, vestígio de infâncias que atravessaram o lugar. Fotografias, 2025. Fonte: da Autora.



Figura 10 — Caminhos sinuosos do Horto Municipal, o 'Bosque', trilhas de memória, pausa e refúgio. Fotografias, 2025. Fonte: da Autora.

Voltar às fotografias, aos percursos, às águas e ao Cerrado é ir para casa com outros olhos.
As travessias que registrei não são apenas deslocamentos. Também são revelações.
São as formas pelas quais o território me atravessa e é atravessado.